# Salomão Rovedo

# 100 anos sem Leandro Gomes de Barros

**(Pombal (PB) 1865 – Recife (PE) 1918)**

**Rio de Janeiro**
**2018**

-1-

## O poeta e seu elemento

*Cordel, jornal popular,*
*Material pra estudo,*
*Diversão e passatempo,*
*Culturalmente, um escudo,*
*Preservação do Folclore,*
*É este seu conteúdo.*

José Francisco de Souza e Franklin Maxado: O encontro de Téo Macedo com Maxado

*Quem censura meus livrinhos*
*Não passa de um caradura*
*Porque eu mesmo confesso*
*Não ter a Literatura*
*Pois se tivesse estudado*
*Seria hoje um letrado*
*Faria grande figura.*

Pacifico Pacato Cordeiro Manso: Ponto Final

Um mundo. Um vasto mundo que nasceu, cresceu e vive palpitando dentro de nós como um ser mutante. Uma entidade. Uma arte. A Literatura de Cordel (Vá lá, que seja assim: a expressão já está consagrada), nasceu provavelmente entre os rincões nordestinos para não deixar a poesia popular morrer na praia. Precisamente na época da invasão dos estudiosos a expressão Literatura de Cordel tomou corpo, cresceu e afinal esmagou todas as demais falas que se usava na região. Poeta e Poesia de bancada, Poeta e Poesia popular, Romance, Canção, Abecê – tudo, tudo, tudo virou em resumo Literatura de Cordel.

Se cordel vem do galego
E este vem do latim,
Vou cantar ainda melhor
Pra ninguém achar ruim,
Porque cordel é cordão
Cordinha ou trancelim.

Sendo esse mundo intitulado todo ele de Literatura de Cordel, os folhetos de poesia não devem necessariamente ter seus títulos precedidos dessa informação, já que a mesma está implícita dentro do conceito do produto. Se for para alertar aos mais incautos, se é para fazer maior publicidade, se é para chamar a atenção das classes tecnicamente mais interessadas no assunto: estudantes, mestres,

entrevistadores, jornalistas, colecionadores, compradores, viciados na leitura dos folhetos – personagens em extinção, mas ainda resistentes, sim senhor! Qualquer que seja, por fim, o motivo que leve essa anunciação, ela não é em absoluto indispensável.

No Brasil, ele ficou
Chamado de abecê
Ou de folheto de feira
Você pode isso ler
E ficou mais no Nordeste
Com seu povo a sofrer.

A expressão Literatura de Cordel se transfigurou e passou a ser usada numa vasta gama de coisas, hoje um pouco mais difícil de determinar. O termo é muito abrangente, engloba tudo o quanto se refere à poesia popular, desde sua criação autoral, até os numerosos elementos que se alinham com a sua produção e comercialização. Essa produção também envolve um vasto universo, porque pode englobar as Folhas Soltas dos poemas-canções e das orações aos santos e a poesia oral, decorada ou improvisada, em cantorias, conforme explica o poeta feirense Franklin Maxado no livro O que é Literatura de Cordel? da editora Codecri.

E muito mais ainda. O produtor artístico das capas dos folhetos, desenhista, folhetinista ou xilógrafo. O impressor, tanto nos prelos manuais quanto nos modernos sistemas reprográficos. O editor-vendedor. O folheteiro independente e cantador. Todos enfim que de uma maneira ou de outra acabam envolvidos com a poesia popular nessa são elementos que fazem parte do mundo da Literatura de Cordel.

O cordel veio da Europa
Com a poesia e repente
Quando surgiu a imprensa,
Foi escrito para a gente
O que se falava e cantava
Na inspiração quente.

A Literatura de Cordel vive, portanto, fases interdependentes entre si. A xilogravura entra tanto na confecção do folheto como obra de arte que interpreta os temas desenvolvidos nas histórias e romances. Também a comercialização nas feiras nordestinas de gravuras e álbuns, venda de panôs e de telas, litogravura e linóleogravura, é uma extensão natural do círculo da Literatura de

Cordel, faz parte do bloco. Isto porque são obras de arte influenciadas diretamente, elaboradas debaixo da emoção das narrativas dos folhetos, muitas vezes inspiradas pelos romances mais populares – está assim umbilicalmente ligada à cultura popular, em especial a esse segmento do folclore.

A escultura em barro, arte maior dos bonequeiros, que sobrevive em todo nordeste, sugadores do filão descoberto e elevado à alta arte por Mestre Vitalino – seus seguidores atestam o fato – pode embarcar na mesma canoa da Literatura de Cordel sem nenhum desdouro, sem que suas origens sejam assim violentadas. As figuras de barro representam fielmente cenas estritamente vinculadas à vida do nordestino, suas profissões, os costumes, as tradições, laços de irmandade e parentesco consanguíneo da Literatura de Cordel.

Compõe ainda esse vastíssimo quadro cultural daquela região, a cantoria oral de improviso, o embolador de coco, o par de repentistas de viola, o cantador de folhetos e canções. Na musica solo os instrumentistas se destacam: sanfoneiro, violeiro, rabequeiro, tocador de pífaro, a zabumba e o triangulo, componentes do conjunto de forró, pode crer, tudo é farinha do mesmo saco!

Um mundo, um vasto universo cuja fronteira se expande a cada dia, isto é a Literatura de Cordel do Século XX, não se limita apenas aos folhetos impressos, abarcou todos os meios de comunicação modernos e nele se expande. O futuro? Pode-se parafrasear o estudioso erudito, dizendo: – O futuro do cordel ao cordel pertence Ou dizer como poetou Franklin Maxado, em O Cordel do Cordel:

O cordel é resistência
E uma força cultural
Contra a alienação
Da invasão nacional
Pelas firmas estrangeiras
Com a multinacional.

Desde que me entendo por gente, ouço e leio as lamentações dos ***especialistas*** no assunto: – A poesia de cordel está morrendo! Outros já fizeram o seu enterro, com direito a ***incelença*** de corpo presente, a velório com livro de presença, publicaram o necrológio por todo o país

Mas os anos passam e só então todo mundo se dá conta de que não só a Literatura de Cordel continua vivinha da silva, como também que eles, que foram seus algozes, rapidamente envelhecem e sem mais nem menos estão ali a ***olhar o dedão do pé***. Sim, mais fácil os poetas morrem, vão desta pra outra melhor, sem terem tido o prazer de presenciar o passamento da poesia de cordel. Como um cometa a poesia popular continua fazendo sua trajetória luminosa através dos tempos ***per omnia secula seculorum***, enquanto a gente aqui insiste em repetir: – A poesia de cordel está morrendo!

Menos mal. Mas é com esses entreatos que a história da poesia de cordel está sendo contada. Antes mesmo que a imprensa oficial aportasse no Brasil Colônia, por obra e graça se Sua Majestade Imperial Dom João VI lá pelos idos de 1808, a notícia se fazia circular de boca em boca, de ouvido em ouvido, em obras manuscritas, reproduzindo as letras arrevesadas pelos copistas da época. Como não poderia deixar de ser, também a poesia se fazia circular de boca em boca, de ouvido em ouvido ou copiada em papel de embrulho, pelos autores mais ou menos letrados, à moda dos jograis.

Aí a imprensa se expandiu, cresceu com o aval imperial e se publicaram os primeiros folhetos, que ainda eram mera cópia dos originais vindos de Portugal e Galícia. Mas – ainda os entendidos que dizem – os jornais acabam por se impor e com a notícia precisa e as informações rápidas sobrepujam o poeta-repórter. E pronto! Mais uma vez o refrão se repete de boca em boca, nos lamentos e murmúrios: – A poesia de cordel está morrendo!

No entanto, teimoso como um jumento, ainda mais tendo a sobrevivência ameaçada, o poeta popular não esmaece e vai à luta. Agora não é mais um ingênuo tentando vender folhetos e algum xarope milagroso a incautos, o poeta vira comerciante, usa aquele jeito matuto que lhe é inato, fingindo ser o último tolo na face da terra, com ousadia caba se impondo, conquista e reconquista o espaço histórico, o tempo perdido.

À moda aventureira o poeta vai tateando até descobrir a mina que guarda os segredos da comercialização moderna, fazendo com que o folhetinho resista, a poesia popular sobreviva e ganhe respeito. Sendo assim, por essas inversões que só o talento explica, o poeta, a poesia e seu veículo acabou por enriquecer o jornalismo, a

frequentar a pauta dos jornalões, virar tese de mestrado, ser impresso em livro – a glória máxima!

A Literatura de Cordel se transforma num segmento da cultura popular que guarda em seu histórico muito do misterioso, do inexplicado, fruto de centenas de estudos e pesquisas que lhes são dedicados, a maioria tentando deslindar sua cabala pessoal, sua continuada penetração nas novas gerações, o mistério de sua imortalidade sem que, como Fausto, assinasse qualquer pacto com o demo.

A impressão dos primeiros folhetos de cordel é um desses pontos que permanecem numa sadia obscuridade do passado histórico, enterrado na tumba do esquecimento, de mais difícil acesso do que os túmulos dos faraós. Dizem muitos que o privilegio de ser Leandro Gomes de Barros o impressor pioneiro no Brasil. Discordam outros tantos, dando a primazia e a honra a Silvino Pirauá de Lima. Sendo um, sendo outro, porém, o que fica decretado é que o folheto de cordel nasceu impresso na Paraíba, já que ambos nasceram naquele estado, em Pombal e Patos, respectivamente.

Se o problema se colocasse no caso de afirmar quem teve a primeira visão das possibilidades comerciais da poesia popular, ninguém poderia duvidar ter sido o faro de Leandro Gomes de Barros, dono de apurado tino comercial, que sentiu a probabilidade de viver à custa da venda de folhetos.

Não obstante ter sido um precursor na área, pelo texto e publicidade inseridos em suas publicações, existe farto material para pesquisa e muita história para ser investigada. Pelo teor dos textos inseridos nos folhetos, se vê que existe uma publicidade atuante, que provoca o surgimento de um comércio circundante, em torno de um ramo de atividade ainda virgem, mas que dá mostras de ser um filão a ser explorado.

A atuação vigorosa de Leandro Gomes de Barros acirra a concorrência, descortinando que já existe uma rivalidade em curso, um tesouro a ser preservado, tornando necessária desde logo sua proteção com medidas de preservação da identidade de autoria e dos romances publicados. Numa linguagem de hoje diríamos que os autores pressentiram, já naquele instante, a possibilidade de pessoas inescrupulosas falsificarem tanto a história quanto o autor – tinha nascido a pirataria!

As interrogações haverão de permanecer para sempre. Quem teve a ideia? Quem foi o pioneiro? E para sempre irão ficar sem resposta, porque ninguém jamais poderá respondê-las com segurança – como no caso da galinha e do ovo: quem nasceu primeiro? O mais provável é que a ideia tenha surgido em vários lugares simultaneamente.

O fato histórico evidente é que a importação acentuada de folhetos similares teve forte influência nos precursores locais. O comércio dessa literatura – que não se limitava à poesia e incluía novelas, narrações de fatos extraordinários e misteriosos – se expande a olhos nus. Portanto, tendo em vista que as primeiras obras de nossos poetas são meras adaptações dessa literatura típica da região ibérica e o fato de terem sido popularíssimos na terra-mãe, seria natural que a produção e o comércio de folhetins de cordel fossem nacionalizados.

No livro Poesias eróticas, burlescas e satíricas, de Manuel Maria Barbosa du Bocage, aparece uma nota de rodapé afirmando ter sido publicada no ano de 1822, em Lisboa, impressa (anônima) em um pequeno **folheto de oito** esta peça. Trata-se do poema Arte de amar ou Preceitos e regras amatórias para agradar às damas (imitação de Ovídio), que, separada do volume principal, foi publicada em folheto popular. O **folheto de oito**, aqui referido é o provável modelo dos nossos primeiros folhetos de cordel e sem dúvida o mais popular de todos.

O folheto de oito páginas nasceu da facilidade e economia que trazia ao impressor e ao autor, que era quem bancava financeiramente a publicação. A impressão era feita em papel do tamanho ofício, dos dois lados, em espelho, de forma que, quando dobrada a folha em duas metades, se transformava num folheto de oito páginas. A capa era impressa em separado, geralmente em papel de cor e ilustrada com fotografia, desenho ou xilogravura. Em cada folha de papel se imprimia duas capas, com aproveitamento da contracapa para publicidade ou notas sobre o autor.

Ora, naquele tempo, era em Portugal e Espanha, prática corrente a edição e comercialização de folhetos e livros de cordel, tradição que remonta há séculos. É natural, pois, que suas colônias fossem inundadas de tais publicações trazidas de contrabando, consagrando também aqui um comércio vigoroso. Mas, sendo difícil para o leitor brasileiro, mais inculto, assimilar as histórias fantásticas e misteriosas, vingaram apenas os romances de amor

impossível, do herói que tudo vence pelo amor da donzela, de difícil superação em busca da realização pessoal, das gentes humildes que ascendem socialmente devido à coragem e heroísmo.

Em consequência desse impasse geográfico, foi natural a busca da independência cultural a todo custo, urgia nacionalizar a literatura ibérica, trazê-la para o cenário local. Essa necessidade é que fez surgir alguém que deflagrasse a publicação dos folhetos aqui mesmo, já com versões feitas numa linguagem inteligível. Esse movimento não só inventou a nossa Literatura de Cordel, como também frustrou e acabou por eliminar a importação desvairada de publicações estrangeiras. Daí a publicar novos trabalhos inspirados na realidade local foi um passo consequente e natural, registrando em letras impressas em poesia as histórias nativas que corriam oralmente pelo sertão adentro.

Essa mudança radical feita pelos poetas foi em atendimento ao clamor que já de fazia na população leitora, que crescia a cada ano. A fronteira natural dessa transformação também é nebulosa e tem seus mistérios. Mas a história local já produzia seus próprios dramas, a vida difícil dos sertões trazia elementos trágicos, nasciam os primeiros heróis com sotaque local. Os leitores, saturados de romances que narravam coisas que em ambientes desconhecidos, amores e aventuras bem distintas daquelas que preenchiam o seu dia-a-dia, tudo isso foi se transformando em material cuja riqueza logo foi explorada, dando uma guinada de 80º na poesia popular brasileira.

Com a transição da temática veio junto com a mudança de estilo que, libertando o poeta da quadra tradicional, consagrou-o o campo fértil e vasto da sextilha, que acabou se impondo ao gosto dos leitores. Nesse ponto o mérito de Silvino Pirauá de Lima é indiscutível. Foi ele que atravessou o Rubicão, medindo todos os riscos do atrevimento. E avançou mais ainda: muitas das fórmulas de poesia popular e cantoria que até hoje vigoram, foram lançadas por ele, que descobriu o elo perdido entre a quadra e a sextilha. Até então a ousadia se limitava à repetição dos dois últimos versos da quadra, como nas cantorias de outrora.

Até então a poesia de cordel estava viva, não se discutia nem se pensava que um dia ela iria entrar em coma E morrer. Mas o mundo não para de girar. A fila anda e, de repente, como uma praga no sertão, chegou o rádio a pilha. Novidade, música, a voz atravessando montanhas e céus, a notícia chegando cada vez mais fresca, em cima

do fato. Bastava ter um receptor para todos saberem tudo. E pronto: mais uma vez a Literatura de Cordel vai acabar! E dessa vez ninguém – mas ninguém mesmo, nem milagre de Padre Ciço – salva a poesia de cordel.

Certo? Errado! Ledo engano. É verdade que ela – a poesia – andou por aí apanhando que nem mulher de malandro. Lutou bravamente, mas levou uns empurrões, uns catiripapos, uns bofetões e cambaleou. Quase morre atropelada pelo progresso, pelo som gritante dos locutores, mas resistiu. Sobreviveu bravamente, talvez metida entre os tecidos alvos de uma UTI, talvez submetida aos aparelhos mecânicos para recuperação intensiva, mas resistiu. Aguentou todos os tratamentos, sacudiu a poeira e deu a volta por cima, mas de novo está viva. Sempre de volta, sempre sobrevivendo às catástrofes – e se o rádio não foi à poesia de cordel, a versalhada chegou até o transmissor e conquistou o seu merecido lugar.

A rádio e o disco foram feitos um para o outro. A poesia popular não tinha vez ali naquele casamento. Dois e bom, três é demais E a poesia sofreu um Longo e doloroso padecimento – como demorou a chegar ao primeiro disco! – antes que a gravação pioneira se realizasse. Como fonte de inspiração (seria mesmo?) o cordel chegou ao disco primeiro pela fala dos compositores. A poesia popular começou a ser musicada grosso modo, havendo inclusive algumas denuncias graves sobre questões de direito autoral. Isso jamais! Assim diziam os compositores. O poeta Franklin Maxado, entretanto, tinha outra opinião:

O que eu tenho notado,
Nesta cultura da gente,
É um grupo controlado
Sagaz e inteligente,
Se apoderando dela
Botando até em novela
Vários proveitos obtendo
Aqui e noutro país
É loucura de quem diz
Que cordel está morrendo.

A novela a que o poeta alude foi certamente O Pavão Misterioso, fabricada e exportada pelo milagre chamado TV. Com a chegada da televisão (essa humanidade não tem mais o que inventar! dizem as comadres), todo o universo se transformou numa Aldeia Global. Vejam vocês. Primeiro foi a notícia impressa, depois a fala e a música

atravessam o espaço, agora letras, som e imagem vagueiam juntas pelo espaço ate encontrar o abrigo cintilante do vídeo. Fabuloso! Fantástico! O sertão virou – agora sim – um mar de notícias, de novelas, de jornais nacionais. Tudo quanto acontecia não só no país, mas em todo o mundo chegava cada vez mais rápido.

O homem chegou à lua! Como acreditar se a poesia de cordel não confirmar? A morte de JK. O suicídio de Vargas. Coisas que anteriormente só a tela de cinema poderia transmitir chegavam agora num flashback histórico pela TV. E antes que a poesia de cordel conseguisse falar através desse maravilhoso mecanismo de comunicação tivemos de aturar tudo: bossa-nova, jovem guarda, iê-iê-iê, soul, rock in rol, reggae. Por meio desse turbilhão chegavam fiapos da poesia popular, porque assim tem sido desde sempre. O cordel vive como o povo brasileiro: sempre na corda bamba. Não tivesse ela (a poesia), como ele (o povo) essa inata resistência à obtusidade, à aridez das dificuldades e já teria ido pra cucuia ha muito tempo.

Nada mais falta lhe acontecer em matéria de obstáculos capazes de provocar sua derrocada final. Sim, porque, oriunda de um sistema completamente superado por outros sistemas, atropelada, constantemente, pelo progresso, a poesia de cordel vem sobrevivendo, inexplicavelmente à luz das teorias. Talvez seja por isso que o seu necrológio anualmente é publicado em todos os recantos culturais. O que falta mais acontecer? Com a chegada do disco-laser, do CD, da TV de bolso, do videofone e outras facetas do progresso eletrônico, certamente a poesia popular será mais uma vez a sacrificada. Finalmente desta vez nada ha como livrá-la do caos, do fim, do fracasso final. De uma vez por todas – e definitivamente – a poesia de cordel vai acabar. É o prenúncio do fim de que fala Marcelo Soares no folheto Literatura de Cordel:

A nossa Literatura
De Cordel, tão popular
Decantada em verso e prosa
Começa a agonizar
Por isso falo das causas
Que lhe ameaçam acabar.

Primeiro que tudo mostro
Que uma dessas razões
É sem sombra de dúvida
Os Meios de Comunicações

Rádios, TV, Jornais
E outras publicações.

Sendo Xilogravador
E Poeta Popular
Sinto ser meu o Dever
De a todos alertar:
A Literatura de Cordel
Está para se acabar!

Na antiga Feira dos Nordestinos em São Cristóvão, o centro da Literatura de Cordel era o lugar chamado Canto da Poesia. Ficava embaixo de uma mangueira, no lado oposto ao Colégio Pedro II, próximo ao banheiro público e tinha como marca registrada a antiga faixa pintada pelo seu idealizador, Zé Praxédis, O poeta vaqueiro. Esse espaço foi frequentado pelo próprio poeta que vinha com seu traje típico de vaqueiro: gibão, chicote, perneira e chapéu, tudo do melhor couro, lustrando, reluzindo ao sol de domingo. Zé Praxédis na década de 1980 já não aparecia com tanta frequência, parece-me que devido ao fato de que nessa época ele morava pelas bandas de Niterói ou São Gonçalo.

Na ausência de Zé Praxédis, quem tomava conta do lugar, do Canto da Poesia, organizava a maioria dos eventos, defendia o espaço e estabelecia regras (não tão rígidas assim) era Expedito F. Silva. No local, além da banca de Expedito Silva, tinha as bancas de Apolônio Alves dos Santos, de Elias A. de Carvalho e mais uma ou duas bancas de folhetos, quando José João dos Santos Azulão ou Franklin Maxado apareciam. Além disso, havia uma banca de xilogravura de Marcelo Soares e, às vezes, Ciro Fernandes dividia o mesmo espaço.

Os cantadores arrumavam suas cadeiras ao pé da mangueira e se revezavam na cantoria. Um microfone e duas modestas caixas de som completavam o equipamento das duplas, que atendiam aos pedidos e glosavam qualquer mote dado pelos espectadores. Muitas canções tinham ali a sua primeira edição e logo após a interpretação eram vendidas em folhas soltas.

Gonçalo Ferreira da Silva se mantinha independente, mas era amigo de todos os poetas, indo visitá-los no Canto da Poesia antes de encerrar suas atividades. A sua banca, além dos versos de sua própria autoria, vendia também os folhetos da Editora Luzeiro, da qual tinha quase todos os volumes. Era um local muito frequentado,

porque Gonçalo Ferreira da Silva não se negava e entabular conversa com quem quer que fosse e era comum atender pesquisadores, poetas e estudantes na sua banca. Ele ficava em outro lugar, mais próximo ao Colégio Pedro II.

José João dos Santos Azulão tinha por preferência ficar logo no início da feira, do lado do ponto dos ônibus que vinham do subúrbio, onde também um forró pé-de-serra corria solto debaixo de um barraco de lona. Azulão cantava seus folhetos, tanto ***a capella*** quanto acompanhado da viola, que dedilhava com esmero.

Quando o viaduto de acesso à Linha Vermelha foi construído, tomou grande espaço da Feira de São Cristóvão. Logo na descida do mesmo se estabelecia um poeta, cujo nome não me recordo. Ah, lembrei: era o Jota Rodrigues. Ele arriava a maleta, expunha folhetos seus e de diversos autores e possuía uma coleção de folhetos bem antigos. No mais havia poetas bissextos, cuja frequência era irregular. Apareciam por lá, mas não sempre, Cícero Vieira da Silva Mocó, Zé Duda, Raimundo Silva, Raimundo Santa-Helena e uma turma de poetas novos dispostos a aparecer.

Aliás, é bom registrar, as caras novas nunca eram bem recebidas na Feira de São Cristóvão. Quando Franklin Maxado resolveu vir de São Paulo morar uns tempos no Rio de Janeiro trazendo a tiracolo o Raimundo Silva e mais o Sá de João Pessoa, teve uma recepção a pedradas. Todos os veteranos, sem exceção, foram refratários à chegada daquele grupo e tentavam sabotar de todas as maneiras a atuação dos mesmos.

Esse movimento de repulsa tomou certa proporção, tendo seu ápice na divulgação do folheto *Tem intrujão no cordel*, que foi assinado por quase todos os donos do local. Depois a coisa amainou, mesmo porque os novos eram teimosos e não arredavam pé. A neutralidade foi conseguida graças a Marcelo Soares – também ele era um novato, mas tinha tradição: era filho do grande poeta José Soares – pois na banca de xilogravura dele todos os recém-chegados tinham boa acolhida e abrigo.

Além do mais, Franklin Maxado era dono de uma personalidade persistente, também já era um nome mais ou menos conhecido e tinha como padrinho no cordel a figura de Rodolfo Coelho Cavalcante. Não era fácil sua defenestração, assim sem mais nem menos. Ademais, Franklin Maxado e Raimundo Silva eram agitadores culturais natos. Quando o movimento da feira estava

morno a dupla procurava meios de agitar o ambiente e logo o espaço ficava acalorado e produtivo.

Foi dessa maneira – devido à amizade que Franklin Maxado tinha com a turma do Pasquim – que o cartunista Jaguar caiu um domingo na Feira de São Cristóvão. Jaguar ao que parece estava sozinho, mas trazia consigo o inseparável gravador. Circulou pelo espaço, comeu carne de bode assada, experimentou, senão todas, mas com certeza a maioria das cachaças da Paraíba e de Pernambuco. Ciceroneado por Franklin Maxado foi apresentado aos poetas quando, ao final, sentou banca no Canto da Poesia e ali conseguiu fazer uma reportagem que ocupou as duas páginas centrais de uma edição do Pasquim.

No entanto, nada disso teria ocorrido se não fosse um poeta que se mostrou pioneiro em muitos elementos que formaram a Literatura de Cordel: Leandro Gomes de Barros. Ao poeta paraibano todos os demais cordelistas prestam justo preito, pois a poesia popular não teria sobrevivido até hoje sem o legado que Leandro Gomes de Barros ofereceu de herança. Agora, tempo em que se rememoram os 100 anos de sua morte prematura – aos 53 anos – é hora de reverenciar o poeta e a obra.

**-2-**

## Leandro Gomes de Barros

É o maior dos poetas populares, os chamados cordelistas. No entanto, situar Leandro Gomes de Barros simplesmente como cordelista é negar a existência do *poeta dentro do poeta*. Com efeito, Leandro teve o cuidado de entremear histórias populares com poemas de feição erudita, o que fazia muito bem. São poemas geralmente de cunho satírico, beirando o *absurdo*, mas sem perder o lirismo.

É fato corrente entre poetas de cordel: devido à exclusão histórica a que foram submetidos, eles se acham no dever de mostrar conhecimento da poesia dita culta. Assim, não perdem oportunidade de mostrar talento e esmero nas composições de estilo *erudito,* publicando-as geralmente entremeadas nos romances e folhetos de cordel. Para desmitificar e melhorar o status de poeta popular, de tempos em tempos um e outro representante da literatura oficial se lança em defesa da poesia de cordel:

Carlos Drummond de Andrade escreveu na crônica *Leandro, o Poeta* (Jornal do Brasil, 09/09/1976):

*Em 1913, certamente mal informados, 39 escritores, num total de 173, elegeram por maioria relativa Olavo Bilac príncipe dos poetas brasileiros. Atribuo o resultado a má informação porque o título, a ser concedido, só podia caber a Leandro Gomes de Barros, nome desconhecido no Rio de Janeiro, local da eleição promovida pela revista Fon-Fon!, mas vastamente popular no Norte do país, onde suas obras alcançaram divulgação jamais sonhada pelo autor do Ouvir Estrelas.*

*E aqui desfaço a perplexidade que algum leitor não familiarizado com o assunto estará sentindo ao ver defrontados os nomes de Olavo Bilac e Leandro Gomes de Barros. Um é poeta erudito, produto de cultura urbana e burguesia média; o outro, planta sertaneja vicejando à margem do cangaço, da seca e da pobreza. Aquele tinha livros admirados nas rodas sociais, e os salões o recebiam com flores. Este espalhava seus versos em folhetos de cordel, de papel ordinário, com xilogravuras toscas, vendidos nas feiras a um público de alpercatas ou de pé no chão.*

*A poesia parnasiana de Bilac, bela e suntuosa, correspondia a uma zona limitada de bem estar social, bebia inspiração europeia e, mesmo quando se debruçava sobre temas brasileiros, só era captada pela elite que comandava o sistema de poder político, econômico e mundano.*

*A de Leandro, pobre de ritmos, isenta de lavores musicais, sem apoio livresco, era a que tocava milhares de brasileiros humildes, ainda mais simples que o poeta, e necessitados de ver convertida e sublimada em canto a mesquinharia da vida. Não foi o príncipe de poetas do asfalto, mas foi, no julgamento do povo, rei da poesia do sertão, e do Brasil, em estado puro.*

Átila de Almeida e José Alves Sobrinho, autores do indispensável *Dicionário Bio-bibliográfico de Repentistas e Poetas de Bancada*, aumentam o coro contra a injustiça:

*Poetas populares! Eis uma terminologia que por sua generosidade e propósito de designar a parte com o nome do todo gera ambiguidades.*

*Com a vivacidade e senso de humor de Leandro Gomes de Barros, só podem ser encontrados similares nos grandes poetas Firmino Teixeira do Amaral, Manoel Vieira Paraíso, José Adão Filho, cujas obras se perderam quase completamente, delas restando pequena amostragem. É preciso levar em conta que a métrica, a rima e o senso de humor faziam o poeta beber mais nos versos do que na realidade.*

Luís da Câmara Cascudo descreve-o com precisão: *'Baixo, grosso, de olhos claros, o bigodão espesso, cabeça redonda, meio corcovado, risonho contador de anedotas, tendo a fala cantada e lenta do nortista, parecia mais um fazendeiro que um poeta, pleno de alegria, de graça e de oportunidade'. Espírito crítico, não deixava escapar uma oportunidade. Viu e retratou numa Ave Maria, com deliciosa mordacidade, o processo eleitoral de seu tempo.*

Mark J. Curran, na obra *A Sátira e a Crítica Social na Lit. de Cordel*, faz justiça ao poeta popular:

*Leandro Gomes de Barros foi o epítome do poeta popular do Nordeste. Foi não só um dos primeiros a escrever e imprimir folhetos que incluíam o melhor da tradição oral, mas também o mais prolífico dos poetas populares. É, porém, a qualidade mais que a quantidade de folhetos que lhe dá posição saliente entre os poetas populares. É reconhecido por colegas, poetas contemporâneos e estudiosos como o melhor dos poetas populares. Embora escrevendo todo gênero de folhetos, seu forte era a sátira.*

*Sua originalidade, seu humor, e especialmente a sua sátira, vistos no comentário social, fazem de seus folhetos obras-primas. É o comentário social que representa o melhor de sua obra. Como os outros poetas populares, ele devia sentir um desejo e mesmo uma obrigação, como poeta do povo, de criticar a falta de justiça daquela época, e de oferecer soluções, embora muitas vezes jocosas ou pessoais, para os problemas da sociedade.*

Alguns poemas de Leandro Gomes de Barros, à margem da sua produção da Literatura de Cordel, mostram o poeta afinado com os problemas e os sentimentos de seu tempo:

**A tarde**

Tomba a tarde, o sol baixa seus ardores,
Alvas nuvens no céu formam lavores
E a voz da passarada o campo enchendo:
A juriti em seu ramo de dormida
Soltando um canto ali por despedida,
Dando adeus ao sol que vai morrendo.

E mergulha o sol pelo ocaso,
Já o dia ali venceu o prazo,
Abrem flores, o orvalho em gotas vem;
Limpa o céu, o firmamento se ilumina,
Uma luz alvacenta e argentina
Já se avista no céu, mas muito além.

Regressam do campo lavradores,
Apascentam os rebanhos os pastores,
E o mundo fica ali em calmaria;
A matrona embala o filho pequenino
E prestando atenção à voz do sino
Quando dobra no templo a Ave-Maria.

Vem a noite, dormem ali as cousas mansas,
Dormem qu'etos os justos e as crianças,
E a Virgem envia preces à divindade;
A velhice recorda arrependida
Todo erro que fez em sua vida
E murmura: *Quem me dera a mocidade*.

**Ave Maria da eleição**

No dia da eleição
O povo todo corria,
Gritava a oposição
*Ave Maria!*

Viam-se grupos de gente
Vendendo votos na praça

E a urna dos governistas
*Cheia de Graça.*

Uns a outros perguntavam:
- O senhor vota conosco?
Um chaleira respondeu:
- Este *o Senhor é convosco.*

Eu via duas panelas
Com miúdo de dez bois,
Cumprimentei-as dizendo:
*Bendita sois!*

Os eleitores, com medo
Das espadas dos alferes,
Chegavam a se esconder
*Entre as mulheres*

Os candidatos andavam
Com um ameaço bruto,
Pois um voto para eles
*É bendito fruto.*

U mesário do Governo
Pegava a urna contente,
E dizia: - Eu me glorejo
*Do vosso ventre!*

## Se algum dia eu morrer

Preveni a todos cá de casa,
Por acaso um dia eu falecer,
É favor ninguém chorar perto de mim,
É caipora com zoada se morrer.

Ataúde, se alguém quiser fazer,
Não precisa de madeira delicada,
Eu prefiro as tábuas da vasilha
Onde bota-se aguardente imaculada.

A mortalha também isso dispenso,
Água benta no cadáver nem um tico,
Antes quero uma freira inda moça

Que me exorte cantando o mangirico.

Não precisa de frade, preveni,
Para que quero eu esse prefácio,
Eles andam com cordões de S. Francisco,
Amarrem com eles a mãe de Inácio.

E também não quero freira,
Toda vida não gostei de romaria
E não quero que os meus colegas
Digam lá que eu carrego bruxaria.

Digo isso apenas prevenindo,
Não confio na minha mocidade,
Tenho apenas 52 janeiros,
Pouco mais passei da flor da idade.

## O antigo e o moderno

Quando o velho Santo Jó
Viu-se doente e leproso
No Recife Alfeu Raposo
Mandou-lhe uma fricção,
A mulher dele mandou
Pedir ao Dr. Tomé
Na farmácia São José
O Elixir da Salvação.

Nas bodas de Canaã
Que Cristo fez da água vinho
A Lanceta de Agostinho
Exagerou sem limite
Soares Raposo deu
Carne para lombo e bife
E o Jornal do Recife
Fez os cartões de convite.

São Pedro era pescador
Antes de seguir Jesus
Quando o Dr. Santa Cruz
Tomou conta de Monteiro
Nero Imperador Romano
Mandou um seu paladino

Chamar Antônio Silvino
Para ser seu cangaceiro.

### A urucubaca

Este ano é o ano da cigarra,
Este século das luzes é tão escuro!
Vejo um rio se encher de sangue puro
E no mar civilizado ir fazer barra.

A miséria com desdém no mundo escarra,
O desastre diz garboso, estou seguro
Já rasguei as vestes do futuro,
E o meu curso de herói ninguém esbarra.

Tenho as chaves da Alemanha em meu poder
O futuro francês hipotecado
E a Rússia aos meus pés há de gemer.

A Inglaterra terá que se render,
A Turquia lamenta o seu estado,
O Brasil é um cão sem dono há de sofrer.

## -3-

## Amor por anexins

O sucesso e a fama de Leandro Gomes de Barros não podem ser medidos por meio de fatores isolados e sim quando se tomada a sua obra como um todo, um vasto conjunto de peças, uma conjugação de elementos que foram capazes de agradar leitores de várias camadas sociais, principalmente os mais humildes, os analfabetos, sim, que compravam folhetos para ouvi-los pela voz de um amigo ou de um membro da família que soubesse ler.

Não é fácil se usar uma linguagem popular em qualquer obra literária, fazendo-a tão coloquial e entendível quanto possível, sem prejuízo para o enredo e para a fluidez narrativa. Poucos escritores conseguem isso.

As frases feitas se transformam muitas vezes, pelo linguajar vulgar, num intrincado labirinto paremiológico, que virá a ser de

grande utilidade para o escritor que tenha o dom de dominar essa fera. Quem escreve deve saber transitar por elas como quem desvenda os segredos de um labirinto. Se desistir da caminhada ao esbarrar nos obstáculos – que são muitos – tudo vai por água abaixo.

O vasto conhecimento de Leandro Gomes de Barros em paremiologia faz de seus Romances e Folhetos de cordel um manancial de valor incalculável para escritores, pesquisadores e estudiosos dessa faceta gramatical.

Encontra-se, com efeito, em sua obra um sem-número de adágios, sofismas, aforismos, frases feitas, que foram citados ao pé da letra, quando outros mais sofreram uma reinvenção, outros foram adaptados ao linguajar da época, formando frases sertanejas, de uma poesia cabocla e chã, mas de acordo com a informação que desejava passar ao leitor.

Numa passagem de olhos rápida por cerca de trinta e cinco folhetos do poeta, enfeixados na Antologia editada pela Casa de Rui Barbosa – pertences do acervo de Literatura de Cordel da Casa – sem rigor e sem empregar as regras técnicas da pesquisa, já que este não é o caso – registra-se uma vasta quantidade de citações de ditos populares.

Essa amostragem relacionada a seguir mostra o quão rica é a linguagem de um autor popular para que seu trabalho termine por alcançar a meta pretendida e assim se eternizar pelos valores qualitativos e de beleza. Uma possível relação com o Adagiário Brasileiro de Leonardo Mota, finalizado pelos seus filhos, acompanha a presente coleta apenas como ponto de referência e para ressaltar o grande conhecimento de Leandro Gomes de Barros nesse detalhe e como esse saber foi bem utilizado.

Serve também de carona, mais um pé de chinelo, para uso de futuros pesquisadores e sigam com mais vigor a caminhada.

LGB – A caridade não se faz só a cristão.
LM – Fazer o bem, não olhar a quem.

LGB – A culpa é uma dívida, que com a morte é sanada.
LM – A morte tudo apaga.

LGB – A desgraça vem ao mundo, sem avisar a ninguém.

LM – A desgraça vem sem ser chamada.

LGB – A falsidade é a arma mais pronta, aonde existe a maldade

LGB – A fruta estando madura, inda se torna mais cara.

LGB – A justiça do céu chega sutil como o sono.
LM – A justiça de Deus tarda, mas não falha.

LGB – A morte do desordeiro para o manso é benefício.
LM – A desgraça de uns é o bem de outros.

LGB - Amor não olha riqueza.
LM – Amor faz muito, mas dinheiro faz tudo.

LGB – Aonde foram duzentos, que tem que vá um milheiro.
LM – Onde come um, comem dois.

LGB – A mulher do filósofo aprende bem filosofia.
LM – Diz-me com quem andas, que te direi quem és.

LGB – Aquilo que o mundo diz, foi, ou é, ou há de ser.
LM – Em tudo há um fundo de verdade.

LGB – A riqueza desta vida é honra, crença e saúde.

LGB – As pedras correm atrás dos apedrejados.
LM – Atrás dos apedrejados correm as pedras.

LGB – Barco só deve perder-se depois de bem carregado.
LM – Mais vale prevenir do que remediar.

LGB – Boto a desgraça de um lado, do outro a miséria acode.
LM – A desgraça, por ser boa, precisa ser bem desgraçada.

LGB – Carreira de velho é chôto.
LM – Carreira de velho é chouto.

LGB – De freira e festa de natal, até o diabo sai.

LGB – De onde vem a desgraça, sai a fortuna também.
LM – A desgraça de uns é o bem de outros.

LGB – Depois desta vida, o que se pode aproveitar?

LM – A morte tudo apaga.

LGB – Desgraça não quer conselho.
LM – A desgraça vem sem ser chamada.

LGB – Deus é grande e tem poder, o poder dele é de pai.
LM – Deus é pai e não padrasto.

LGB – Deus me livre de mulher, de médico e advogado.
LM – De médico, de advogado e de mulher, libera-nos dominé.

LGB – Deus é um pai constante: dá o pão a quem tem fome.
LM – Deus dá o frio conforme a roupa.

LGB – Deus é pai de todos nós.
LM – Deus é pai e não padrasto.

LGB – Deus quando quer matar um, mata acolá e ali.
LM – A justiça de Deus tarda, mas não falha.

LGB – Deus te dê fortuna.
LM – A sorte quem dá é Deus.

LGB – Dinheiro só não pode privar do dono morrer.
LM – O dinheiro tudo compra.

LGB – Do que seu patrão comeu, você também hoje engole.
LM – Cada qual com seu igual.

LGB – É igualmente ao cachorro: entra sem ninguém mandar.
LM – O cachorro entra na igreja porque encontra a porta aberta.

LGB – É mais fácil um boi voar.
LM – É mais fácil um boi voar.

LGB – Entre a palavra e a obra há enorme distinção.
LM – Querer não é poder.

LGB – Entre espinhos nascem rosas.
LM – Não há rosas sem espinhos.

LGB – É sinal que vive pouco, quem já tem vivido muito.

LGB – Eu não vou criar galinhas para dar capões a ninguém.

LM – Não vou botar azeitona na empada de ninguém.

LGB – Eu sou velha neste mundo, não ando por ver andar.

LGB – Eu vou me aproveitar, enquanto Braz é tesoureiro.
LM – Aproveita, enquanto Brás é tesoureiro.

LGB – Foi fácil você entrar, mas é custoso sair.
LM – Antes de entrar, pensar na saída.

LGB – Haja o que Deus for servido.
LM – Deus dá o pão conforme a fome.

LGB – Homem de 70 anos, É engenho de fogo morto, Seu barco é um ataúde, A sepultura é um porto.

LGB – Lá um dia a casa cai.
LM – Lá um dia cai a casa.

LGB – Livre-nos Deus do inimigo e do mal.
LM – Deus nos livre de todo o mal.

LGB – Mato tem olhos, as paredes têm ouvidos.
LM – Matos têm olhos, paredes têm ouvidos.

LGB – Não há juiz como Deus.
LM – Deus é justo.

LGB – Não solto o pássaro, por um que algum dia vem.
LM – Mais vale um passarinho na mão que dois voando.

LGB – O amor é como a morte, que não separa ninguém.
LM – O amor é como o sono Que não dispensa ninguém, Eu só comparo com a morte: Ninguém sabe quando vem.

LGB – O amor é uma pessoa, ambos são da mesma idade.

LGB – O boi manso aperreado, arremete certamente.
LM – Boi manso, aperreado, arremete.

LGB – O boi na terra alheia, até as vacas lhe dão.
LM – O boi, estando em terra alheia, até as vacas lhe dão.

LGB – O cavalo por um coice, não deve cortar-se a perna.

LGB – O cesteiro que faz um cesto faz mais cem e assim por diante.
LM – Cesteiro que faz um cesto, faz cento e, tendo cipó e tempo, faz duzentos.

LGB – O crime figura um cego, a lei figura uma guia.
LM – A justiça é cega.

LGB – O desastre é um diabo que persegue a simpatia.
LM – O diabo ajuda os seus.

LGB – O mel por ser muito bom, as abelhas dão-lhe fim.
LM – O mel, por ser bom demais, as abelhas dão-lhe fim.

LGB – O mundo pertence a Deus.
LM – Deus tem poder sobre tudo e sobre todos.

LGB – Onde o sol nunca se viu, ninguém conhece as estrelas.

LGB – O ouro da traição pertence ao traidor.
LM – Cada um colhe conforme semeia.

LGB – O poder de Deus é forte.
LM – O poder de Deus é grande.

LGB – O que vem na rede é peixe.
LM – O que cair na rede é peixe.

LGB – O risco que corre o pau, corre também o machado.
LM – O risco que corre o pau, corre o machado.

LGB – Os crimes são descobertos, por mais que sejam escondidos.
LM – A culpa condena.

LGB – Os nus só querem amizade dos que estão esmolambados.
LM – Os iguais se atraem.

LGB – Os olhos são verdadeiros, não podem nada ocultar.
LM – Os olhos são a janela da alma.

LGB – Ou vai a língua ou o beiço.
LM – Ou vai ou racha! Ou arrebenta a tampa da caixa.

LGB – Ou vai o queixo ou o dente.

LM – Ou vai ou racha! Ou arrebenta a tampa da caixa.

LGB – Ou vai o dedo ou a unha.
LM – Ou vai ou racha! Ou arrebenta a tampa da caixa.

LGB – Pobreza não quer vintém.
LM – Pobreza não é vileza.

LGB – Pode o diabo ir ao céu.
LM – O diabo reza também.

LGB – Quando a sorte não quer, o mal recua e não vem.
LM – Quando Deus não quer o diabo não pode.

LGB – Quem aos vinte não barba, Quem aos quarenta não tem, Aos vinte e cinco não casa, Nenhum dos três obtém.
LM – Quem aos vinte não barba, aos trinta não casa e aos quarenta não tem, não barba, não casa, não tem.

LGB – Quem compra uma tasca paga pelo preço dela.
LM – Quem mal paga, paga duas vezes.

LGB – Quem deve a Deus, paga a Deus.
LM – A justiça de Deus tarda, mas não falha.

LGB – Quem dinheiro tiver, vende a terra e compra o céu.
LM – Quem dinheiro tiver, fará o que quiser.

LGB – Quem gaba o noivo é a noiva.
LM – a) Quem gaba o buraco é o tatu; b) Quem gaba o toco é a coruja; c) Quem gaba a noiva é o noivo.

LGB – Quem nunca curou ferida, não sabe o que é dor.
LM – a) A bouba dói é no cu de quem a tem; b) Pimenta no cu dos outros é refresco.

LGB – Quem por causa de uma ovelha deixa um rebanho se perder?
LM – Pior causa de um vintém, se gasta cem.

LGB – Quem tiver pena que chore, quem gostar fique contente.
LM – Cada qual faz o que lhe convém.

LGB – Roma não de fez num dia.
LM – Roma não se fez num dia.

LGB – Santo que eu não conheço, a esse nada ofereço.
LM – A santos que não conheço, não rezo nem ofereço.

LGB – se havia de morrer de desgraça, antes morrer de sucesso.
LM – A morte não escolhe jeito.

LGB – Sem a hora ser chegada, bala não mata ninguém.
LM – A hora é incerta, mas a morte é certa.

LGB – Só Deus sabe e mais ninguém.
LM – Só acontece o que Deus quer.

LGB – Tanto vale o roto quanto vale o casacudo.
LM – Todos são iguais perante Deus.

LGB – Tudo com a morte se acaba, tudo com a morte se alcança.
LM – a) Tudo no mundo se acaba; b) Tudo no mundo tem fim.

LGB – Vê-se a cara do homem, mas não vê-se o coração.
LM – Quem vê cara não vê coração.

***LM = Leonardo Mota; LGB = Leandro Gomes de Barros.***

Por essa singela amostragem dá para notar a importância que Leandro Gomes de Barros dedicava à fala do povo, à frase comum, prestando, por seu lado, um excelente serviço à divulgação e estudo da paremiologia, suas mudanças e adaptações à linguagem nordestina, a similaridade com o falar de Portugal e da Galícia, trazidas pelos emigrantes daquelas regiões.

A influência do adagiário na obra do poeta paraibano, a própria assimilação e utilização de ditos populares na Literatura de Cordel, merecem certamente um tratamento mais respeitoso, estudos mais acurados, cuja especialização poderia se estender aos estudos acadêmicos de letras e línguas, existentes nos currículos universitários. Sirvam-se, amantes e estudiosos.

Folhetos consultados:

1) O cachorro dos mortos
2) João da Cruz
3) Como João Leso vendeu o Bispo
4) Festas de Juazeiro no vencimento da guerra

5) A força do amor
6) O cometa
7) O testamento de Cancão de Fogo
8) O azar na casa do funileiro
9) A órfã
10) Peleja de Antônio Batista e Manoel Cabeceira
11) O azar e a feiticeira
12) O casamento e o velho
13) Branca de Neve e o soldado guerreiro
14) Antônio Silvino, Rei dos Cangaceiros
15) O dinheiro
16) Os coletores da Great Western
17) O fiscal e a lagarta
18) Romano e Ignácio da Catingueira
19) As proezas de um namorado mofino
20) O casamento hoje em dias
21) Discussão do autor com uma velha de Sergipe
22) A crise atual e o aumento do selo
23) Peleja de José do Braço com Izidro Gavião
24) Antônio Silvino no júri: O Debate de seu advogado
25) Como Antônio Silvino fez o diabo chocar
26) O divórcio da lagartixa
27) Antônio Silvino se despedindo do campo
28) Os dez réis do Governo
29) Conferência de Chiquinha com Gregório das Batatas
30) As aflições da guerra na Europa
31) Ecos da pátria
32) Os defensores dos inocentes de Garanhuns
33) Vingança de um filho
34) Exclamações de Antônio Silvino na cadeia
35) O Governo e a lagarta contra o fumo

## -4-

## O primeiro humorista brasileiro

### Um – A força do amor

Muito aspecto merecedor de acurado estudo tem sido constatado na obra de Leandro Gomes de Barros. Para suprir uma dessas lacunas, José Maria Barbosa Gomes elaborou um estudo lingüístico baseado no confronto direto entre duas edições do Romance A força do amor, ressaltando principalmente os sinais

existentes de uma busca a perfeição evidenciada na análise feita pelo comentarista pernambucano.

Coitado do poeta: jamais se imaginaria objeto de altos estudos, tampouco de análises profundas, de nível didático e ter sua obra esmiuçada, esquartejada, exposta à frieza de números e gráficos, sua obra vista, enfim, sob os mais inimagináveis aspectos. Mas assim é.

Não obstante, é indiscutível o acréscimo que qualquer trabalho escrito traz para a literatura em si – e neste caso para a Literatura de Cordel – inclusive os muitos volumes que tem saído com a firma curiosa de vários *alienígenas*: os brazilianistas.

Constata-se de permeio que, a nível acadêmico, a nossa cultura popular é vastamente estudada por intrincados e estranhos pontos de vista, além do fato de que os tais trabalhos geralmente vêm a público escritos naquela linguagem reservada, cabalística, misteriosa – à qual somente uns poucos privilegiados tem acesso.

Essa fala – na verdade mais uma gíria: o mestradês, porque em geral é usada nas teses e mestrados – sofreu uma tentativa de abolição pelo escritor Esdras do Nascimento, ao apresentar o Romance Variante Gotemburgo para julgamento de seus mestres, obtendo prêmio e aprovação unânime, como tema de pós-graduação.

Mas, voltando à vaca fria, no seu trabalho o professor José Maria Gomes se preocupa muito em estudar sob o ponto de vista acadêmico, as modificações introduzidas pelo poeta Leandro Gomes de Barros no Romance A força do amor, deixando escapar outros aspectos que, se não são técnicos, são prática comum dentro do processo de criação de qualquer artista.

Cabe não perder de vista o fato de que Leandro Gomes de Barros era um escritor, um literato, um intelectual, na exata acepção do termo, desde que colocadas as particularidades e condições tanto pessoais quanto da época em que viveu.

Primeiros, todos sabem das constantes batalhas que trava o autor com sua obra. Singulares a esses seres quase sempre marginais, as lutas mantidas com os demônios que habitam os textos são constantes e inevitáveis. Impelidos pela moral e pela ética a modificar o que escreveu antes, as obras sujeitas e novas edições

sofrem tantas modificações quantas o espírito empreendedor e inovador exige.

Reler e alterar textos se transforma numa obsessão vasta e irreprimível, de tal maneira que levou o poeta Mário da Silva Brito, por exemplo, a confessar que jamais relê os seus livros, sob pena de ter que modificá-los sempre e sempre a cada nova leitura.

Fatalmente o mesmo ocorreu a Leandro Gomes de Barros, que não foi exceção desse legado maldito. Os Folhetos existentes no acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa, por mim pesquisados, estão eivados de anotações, símbolos gráficos colocados à margem das sextilhas, chamadas, acréscimos de texto, exclusões, uma tal parafernália bem típica dos escritores.

Aliás, a simbologia utilizada demonstra que o autor tinha inequívoco conhecimento da arte gráfica, da composição de texto, da revisão tipográfica. Essas alterações, repito, são comuns a todos os escritores e muitas das vezes nada tem de perfeccionismo do ponto de vista do autor, mas estão sim diretamente ligadas à obra em si.

Outra coisa a se observar é que entre as edições confrontadas do citado Romance, há um grande espaço de tempo, durante o qual a linguagem se modificou. Nesse entremeio houve a introdução de muitos modismos de época e novidades lingüísticas. A preocupação do autor nesse aspecto é notada nas alterações propostas, ressaltadas pelo articulista.

Leandro Gomes de Barros tem a seu favor o fato de ter sido – sem nenhuma dúvida – o mais letrado, o mais inteligente, o mais empreendedor, enfim, o mais preparado, poeta popular de seu tempo. Daí a visível superioridade de suas obras sobre aas demais, daí a espetacular popularidade que alcançou sua obra, popularidade essa mantida viva durante a sua existência e mesmo depois que ele se foi.

No seu texto se vê que Leandro Gomes de Barros era pessoa de vasta leitura – e não somente aquela leitura básica que todo poeta popular se propõe por obrigação: bíblica, histórica, geográfica, mitológica – capaz de absorver expressões estrangeiras trazidas pelos ingleses (*meeting* por passeio, passeata), adotadas pela imprensa do sudeste do país.

Sendo a cidade de Recife um centro cultural e político da época, de grande importância para os nordestinos em geral, seria natural que Leandro Gomes de Barros se transformasse numa liderança e exemplo entre os seus. A capital pernambucana era fonte de atração para a maioria dos poetas e violeiros, por isso foi virtualmente invadida pelos cordelistas da época, que não hesitaram em entronizar o seu papa.

Erros lá e erros cá. Ao mesmo tempo em que o poeta atualiza a linguagem do Romance, corrige expressões erradamente, para desespero do professor José Maria Barbosa Gomes. Palavras escritas de modo correto na edição mais antiga recebem tratamento inadequado por parte do autor para a nova edição. Não seria um método maquiavélico de se mostrar um escritor *popular* diante de seus leitores?

Pois peço que não considerem atrevimento ou ousadia se agora proponho uma sugestão: não seria Leandro Gomes de Barros um precursor daqueles poetas populares que provocam um erro intencional – fórmula muito utilizada pelos cordelistas contemporâneos, querendo parecer semianalfabetos, quando na verdade muitos têm diploma de curso superior até.

Mas, não. Não poderia fazer esse julgamento do poeta paraibano, porque há em Leandro Gomes de Barros uma verdadeira busca de melhoramento (ou aperfeiçoamento, vá lá), da linguagem poética nos seus poemas.

O que as alterações propostas pelo autor sugerem, também, é a busca intencional de uma escrita facilitada, para que seus leitores humildes melhor o entendam. Quanto mais tornar sua escrita o mais coloquial possível, mais aproximada do falar cotidiano, o poeta mais se identifica com seus ouvintes e leitores, pois são seus semelhantes que vivenciam o mesmo espaço-tempo.

Tais observações são reforçadas ao comparar os Romances e Folhetos populares com as demais formas poéticas que Leandro Gomes de Barros costumava enxertar em quase todas as suas publicações. Nessas formas mais aproximadas da poesia clássica da época, românticas, simbolistas, parnasianas, a margem de erros se reduz de modo considerável, chegando muitas vezes ao índice zero.

Não são conclusões, mas veredas pelas quais os estudiosos podem permear no estudo e análise desse grande poeta popular.

## Dois – Mais de mil folhetos!

Outra questão muito discutida pelos apaixonados pela poesia do cordelista paraibano é o número excessivo de obras deixadas ou atribuídas a ele, que muitos consideram exagerado ter alcançada a marca de mais de mil Folhetos, cifra alcançada apor muitos historiadores. Na verdade jamais se poderá chegar a um número absoluto em se tratando de Leandro Gomes de Barros. Tudo que se fizer será mera especulação, devido às dificuldades próprias da época.

Pelas muitas notas inseridas nos Folhetos – elas contam mais coisas do que se pode imaginar – nota-se que paira certa distinção entre *Romance* e *Folheto*, tal qual são concebidos hoje, após as muitas classificações de que foi objeto, conforme obras de Leonardo Mota, Luiz da Câmara Cascudo, Manuel Diegues Júnior, Alceu Maynard de Araújo, Manoel Cavalcanti Proença, Orígenes Lessa, Hernani Donato, Liêdo Maranhão de Souza e muitos outros.

O zelo excessivo e a pluralidade de autores ajudam, mas também atrapalha, porque cada qual quer ser mais exato do que o outro, mas sempre divergem. O problema veio desembocar na tentativa de fusão pela Casa de Rui Barbosa, em sua Antologia de Literatura Popular em Verso (Tomo III, volume 2), na voz de Ariano Suassuna, que sugere duas classificações: uma erudita e outra popular. O que vocês acham? Complicou ou descomplicou?

Tudo, porém, acaba se resumindo na seguinte classificação:

1) Ciclo heróico, trágico e épico
2) Ciclo do fantástico e do maravilhoso
3) Ciclo religioso e de moralidades
4) Ciclo cômico, satírico e picaresco
5) Ciclo histórico e circunstancial
6) Ciclo de amor e de fidelidade
7) Ciclo erótico e obsceno
8) Ciclo político e social
9) Ciclo de pelejas e desafios

Em Leandro Gomes de Barros a impressão que traz em suas notas é que os Folhetos citados nas publicações incluíam também as *Canções* que eram vendidas em folhas (os *Pliegos Sueltos* ibéricos), idéia esta reforçada pelo magnífico desempenho do poeta na

produção de poemas curtos, cuja maioria era os poemas humorísticos e satíricos, com temas que dominavam o cotidiano político e social. Primeiro vendidos em Folhas Soltas para aproveitar a comoção que o tema trazia, esses poemas eram enxertados nos Folhetos e Romances, já naquela época publicados em capítulos, como as novelas de TV atuais, fato observado por muitos críticos.

Entre as várias notas publicadas nas contracapas e em algumas páginas de intervalo, aparece publicidade que anunciava a venda dos Romances completos, ao preço de 1$000RS (mil réis), ao passo que os Folhetos de Versos (aqueles de oito páginas), custavam apenas $200RS (duzentos réis). Essa notável disparidade de preço alimenta a opinião de que é verdade – e não bazófia – a afirmação contida nos versos autobiográficos citados por Horácio de Almeida na Introdução à obra de Leandro Gomes de Barros Tomo II da Antologia da FCRB, dedicada ao poeta: *Tem folhetos mais de mil.*

O poeta João Martins de Athayde, editor do poeta após a sua morte, não hesita em afirmar nos versos no necrológio elogioso: *Canções não se sabe quantas*. Somando tudo, portanto, não cabe duvidar da afirmação de Leandro Gomes de Barros, mesmo porque a sentença “folhetos tem mais de mil” aparece como mera estimativa, cabendo deduzir que nem ele mesmo tivesse controle e conhecimento exato da quantidade de obras de sua lavra circulava pelo nordeste, entre as produzidas para venda própria e as ofertadas a outros editores.

É fácil se imaginar a parafernália que existia em seu depósito, se é que havia algum lugar com essa finalidade. Folhetos, Romances, folhas soltas, misturados com as obras de outros autores seus contemporâneos que eram comercializados por Leandro Gomes de Barros, visto que num Folheto seu declarou:

**ATENÇÃO**
**Previno que todas as obras que não tiver o meu nome não são de minha lavra.**

Essa pequena observação é um verdadeiro tapa no rosto Dos defensores intransigentes daqueles editores que compravam poesias e desfiguravam-na omitindo a identidade do autor, alterando acrósticos, acrescendo ou eliminando estrofes, usando tais truques para apagar rastos que identificavam autores, tudo sob a alegação de que tal atitude era comum na época.

Leandro Gomes de Barros deu um exemplo verdadeiro de lisura na promoção de seus colegas de profissão, modelo que seus pósteros não seguiram infelizmente.

## Três – O primeiro humorista

O aspecto humorístico e satírico na obra de Leandro Gomes de Barros foi ressaltado por Horácio de Almeida – historiador conterrâneo do poeta. Esse aspecto merece um trabalho de acurado estudo: a sátira, o humor cáustico, a crítica – daquele que se intitulava o primeiro humorista brasileiro.

Como abrideira e primeiro passo para tais estudos, eis alguns exemplos dessa poesia leve e cáustica, alegre e satírica, humorada e crítica, ressaltando o fato de que muitos desses poemas mereceriam uma transcrição completa tal a sua originalidade, tal o poder que tem de fazer rir ainda nos tempos de hoje, tal a perenidade e o rigor de temas que não perderam a atualidade.

Em Casamento à prestação, o poeta descreve uma possível candidata ao matrimônio:

Se ela tivesse cabelo
E não fosse desdentada
Se não lhe faltasse um olho
Não tivesse a pá quebrada
Há mais de quatorze anos
Ela já estava casada.

Em outro poema do estilo, O casamento do velho, Leandro Gomes de Barros descreve com incrível originalidade como veio a falecer o idoso cidadão que casou com uma moçoila, jovem e virgem, que estava de olho na herança deixada pelo ricaço coronel:

Faleceu no urinol
Teve honras de lombriga.

Em O coletor da Great Western, figura que frequentava os idos das primeiras estradas de ferro do Brasil, era na verdade um fiscal do Governo cuja função era perseguir tanto aqueles que viajavam *no mole*, ou seja, de carona nos trens na empresa inglesa, quanto os que carregavam mercadoria pela via informal, pequenos negociantes e mascates.

Já nesse momento Leandro Gomes de Barros ridiculariza a fala capenga dos estrangeiros – *Mim não querer isso* – e ressalta a constante exploração na gerência da correlação entre colonizado e colonizador, desta vez em tempos modernos, quando a discriminação ressurge como um fato político.

Os fiscais (coletores) percorriam os vagões procurando cumprir com rigor a determinação da companhia e do Estado, que visavam reduzir a evasão de receita tanto na empresa quanto no fisco, cobrando a passagem dos caronas, taxando bagagens que não eram bagagem e sim objetos de uso pessoal, tudo beirando uma interpretação dúbia e perniciosa, que sobrevive até os dias atuais.

Contra tais desmandos e injustiças que ocorriam diariamente entre a população mais humilde, insurge-se o poeta com o verbo e a fala:

> Procuram-lhe contrabando
> Até dentro dos ouvidos.

Mesmo a um beberrão o fiscal não hesita em cobrar o imposto devido pela cachaça que, a essa altura, viajava acomodada no estomago do dito cujo:

> Aguardente do seu bucho
> Só vai se for na bagagem.

No folheto O filho da aguardente, esse sim, um poema que é todo humor e sátira – um humorismo que o tempo não envelheceu, Leandro Gomes de Barros se revela um precursor de uma linguagem especial que busca na gíria, na expressão popular, no modismo, que não seria comum hoje, mas sem encontrar paralelo na época.

A expressão porre como tradução de bebedeira é usada pelo poeta com repetição e desenvoltura, não obstante saber que as gírias e modismos também têm trajetórias elipsoidais, com começo meio e fim, como os cometas que vem e vão. Seja como for, era uma linguagem incomum em terras nordestinas, usada pelo Zé povinho de modo rastaqüera, um calão comum a grupos sociais marginalizados:

> Com três dias de nascido
> Tomei o primeiro porre
> Tanto que a parteira disse

Essa criancinha morre
Tomar cana antes da papa
Veja que risco ela corre.

..

O avô dele uma vez
Um grande porre tomou.

..

Como é que não morre
Sendo desta raça
Filho da cachaça
E neto do porre
Que risco é que corre?

As contas do pioneirismo lingüístico de Leandro Gomes de Barros não param por aí. O poeta explorou também com rara felicidade a linguagem macarrônica e arrevesada dos primeiros colonos lusitanos, italianos e alemães, cujo falar enriqueceu a língua brasileira ao aflorar o princípio do Século XX.

Antecipando-se aos que vieram depois, os clássicos *Furnandes Quemões Albaralhão*, na verdade pseudônimo do carioca Horácio Campos – parceiro do famosíssimo Barão de Itararé – também ao Zé Fidélis, na figura do emigrante italiano Gino Cortopasi, versão paulista do pueta *lusitânu*, esse humilde paraibano percebeu que havia algo de riqueza e curiosidade naquela fala às avessas. O macarrônico lusitano aparece em Sonho de um português, de forma elegante, fina, de modo a não ofender os próprios portugueses, digna de um verdadeiro poeta:

Tu eras como um arcanjo
*Dibino*!

..

*Tonvém* quase desatino.

..

Porque hoje o *cabalheiro*
Aqui neste *portugale*

Se não *tiber o reale*.

..

E qualquer que o *volso* dali
*Bendo a algibeira esgutada*.

E assim por diante.

## Quatro – Morrer de rir

É quase impossível se destacar entre as obras de Leandro Gomes de Barros aquela mais engraçada, mais satírica, mais crítica. O poeta escreveu mais de uma dúzia de folhetos cuja temática atingia de cheio os anseios de seus leitores:

Casamento à prestação
O casamento do velho e o desastre na festa
O casamento hoje em dia
O azar na casa do funileiro
Os coletores da Great Western
O dez réis do Governo
O dinheiro
O filho da aguardente
A criação da aguardente
O fiscal e a lagarta
A dor de barriga de um noivo

O folheto A criação da aguardente é uma maravilha de escrita sintética e comunicação fácil, como a maioria das poesias citadas, que resistem ao tempo e chegam até hoje em perfeita sintonia crítica com as mazelas da sociedade, cujas censuras, cheias de atualidade, cabem perfeitamente na vida atual.

No ano de 1986, de volta da longa viagem de 76 anos, o Cometa de Halley enfeita de novo os céus da Terra com sua cauda brilhante. Antes dessa passagem, em 1910, o cometa recebeu o registro do poeta com o folheto O cometa, outra obra-prima de humor, especulando com os muitos causos, milagres, curiosidades e mazelas que seriam debitadas à passagem do cometa entre nós.

O natural respeito do povo nordestino e interiorano pelo misterioso, a passividade submissa à religiosidade, a admiração e respeito pelo desconhecido, além da fama pelos feitos passados, que

atravessam gerações, tudo isso serviu de pano de fundo para especular sobre feitos sobrenaturais que trariam a passagem do Cometa de Halley.

Leandro Gomes de Barros também é um deles e receia – como de resto toda a população – os efeitos catastróficos, os desastres, as desgraças, tudo que for possível de suceder em virtude da passagem do cometa sobre o céu brasileiro:

Caro leitor vou contar-lhe
O que foi que sucedeu-me
O medo enorme que tive
Que todo o corpo tremeu-me
Para falar-lhe a verdade
Digo que o medo venceu-me.

Com essa introdução bem característica da Literatura de Cordel, o poeta ganha a confiança do leitor, porque também ele é igual a todos, tem os mesmos pontos fracos, os mesmos medos, receios do inexplicável, treme de medo.

Eu andava em meus negócios
Na cidade de Natal
No hotel que hospedei-me
Apareceu um jornal
Que dizia que no céu
Se divulgava um sinal.

O sinal era o cometa
Que devia aparecer
Em maio no dia 18
Tudo havia de morrer
Aí sentei-me no banco
Principiei a gemer.

Assim atacado por um medo superior a tudo, o poeta empalidece, amarela ante essa notícia muito desagradável, em que terá de abdicar de tudo de supetão. Pensa numa venda que fez a fiado e que certamente jamais receberá

Gemi até ficar rouco
Fiquei logo descorado
Depois o sangue subiu-me
Que fiquei quase encarnado

Imaginando num livro
Que o freguês levou fiado.

Aí as coisas começam a se apresentar mais claramente, os sucessos se apresentam de acordo com a realidade dos fatos. Não adiantava nada ficar ali se lamentando enquanto as catástrofes se anunciavam e o fim do mundo se aproximava inevitável.

Disse ao dono do hotel
– Senhor eu estou resolvido
Antes de 20 de maio
Nosso mundo é destruído
Visto não durar um mês
Não pago o que tenho comido.

A dona da casa disse-me
– O senhor está enganado
Se eu for para o outro mundo
O cobre vai embolsado
Eu subo porém em baixo
Não deixo nada fiado.

É o prefácio a uma demonstração de como os homens agem diante de uma pressão supra divinal. O ser humano começa a ser desnudado. Mesmo que o mundo se acabe, mesmo que na morte as riquezas percam valor, prevalece – sempre – o agarramento às coisas materiais:

Me resolvi a pagar
Foi danado esse processo
Não paguei tomaram à força
O que é verdade confesso
Se hei de morrer de desgraça
Antes morrer de sucesso.

Tratei de tomar o trem
E seguir minha viagem
Disse: – Vai tudo morrer
Para que comprar passagem?
Inglês vai perder a vida
Perca logo essa bobagem.

O condutor, porém, não acompanha o pensamento fatalista do poeta. Descrente das trágicas conseqüências da passagem do cometa

trata de cumprir com rigor suas obrigações: Não comprou? Perguntou ele. Pois pague o excesso cá.

Eu lhe disse: condutor
O mundo vai se acabar
Para que quer mais dinheiro
É para lhe atrapalhar?
A mortalha não tem bolso
Onde é que pode levar?

Não tendo sucesso em suas pretensões tanto no hotel quanto no trem, chega o poeta em casa. Como sempre, cansado da faina diária, lamenta que nada tinha sido bom durante o dia.

Chego em casa muito triste
Achei a mulher trombuda
Perguntei: – Filha o que tem?
Respondeu-me carrancuda:
– Ora, a 18 de maio
O *mundo velho* se muda.

Perguntei: – Tem jantar pronto?
Venho com fome e cansado
Desde ontem, respondeu-me,
Que o fogão está apagado
Devido a esse cometa
Não querem vender fiado.

A aparição celestial – como se viu – muda todo o contexto na cidade. Além de não haver mais vendas fiado, os credores apertam o cerco, porque, afinal, já que tudo vai se acabar o melhor é ir desta para outra numa boa, cheios de dinheiro.

Eu estava tirando as botas
Quando chegou um caixeiro
Esse vinha com uma conta
Que eu devia ao marinheiro
Eu disse: – Vai morrer tudo
Seu patrão quer mais dinheiro?

Fui falar um fiadinho
Que eu estava de olho fundo
O marinheiro me disse:
– Já por ali vagabundo

Eu disse: – Venda seu Zé
Que eu pago no outro mundo.

O marinheiro – na verdade denominação dada aos donos de quitanda – não quer arriscar nada, mas o nosso poeta alteia a voz, faz drama, não hesita em rogar uma praga:

A 19 de maio
Quando acabar-se o barulho
Eu hei de ver vosmecê
Que o senhor vai no embrulho
Só se esconder-se aqui
Debaixo de algum basculho.

E em seguida exige com muita veemência:

Quero 10 quilos de carne
Uma caixa de sabão
Quatro cuias de farinha
Doze litros de feijão
Quero um barril de aguardente
Açúcar, café e pão.

Manteiga, azeite e toucinho
Bacalhau e bolachinhas
Vinagre, cebola e alho
Vinte latas de sardinhas
Duas latas de azeitonas
Umas dezoito tainhas.

O marinheiro me olhou
E exclamou: – Oh desgraçado!
Então inda achas pouco
Os que já tens enganado?
Queres chegar ao inferno
Com isto mais no costado?

O poeta esperneia, chia, reclama, mas de nada adianta. O quitandeiro acaba por expulsá-lo da venda, insultando-o de vagabundo, malandro e outros epítetos. Novas pragas se sucedem na retirada involuntária. Vencido o poeta retorna ao lar lamento, mas sempre em busca de uma solução para o inesperado drama.

Voltei e disse à mulher:

– Minha velha está danado
O cometa vem aí
De chapéu de sol armado
Creio que no dia 18
Lá vai o mundo equipado.

Deixa ir lá como quiser
A coisa vai a capricho
Comer nem se trata nele
Nossa roupa foi pro lixo
Vamos ver se lá no céu
Tem onde matar-se o bicho.

Fui onde vendiam fato
Comprei uma panelada
Com mais um garrafão
De aguardente imaculada
Disse a mulher: – Felizmente
Já estou de mala arrumada.

A *panelada de fato* – nome dado ao ensopado feito de bucho de boi (*fato*) e outros ingredientes da culinária pobre (hoje chamada dobradinha) – salva o sustento da família até o dia 17 de maio, véspera da tragédia que se anuncia. Quem traz a primeira notícia do início do desastre é seu próprio filho: – Papai o bicho estourou! Aí foi um *salve-se quem puder*:

Aí eu juntei os pratos
Embolei todo o pirão
Botei o caldo num pote
Peguei-me com o garrafão
Me ajoelhei e rezei logo
O ato de contrição.

A mulher disse chorando:
– Meu Deus fica a panelada
Disse o menino: – Papai
Onde está a imaculada?
Eu disse: – Filho sossega
Aqui não me fica nada.

E me ajoelhando aí
Tratei logo de rezar
O ato de confissão

Senti um anjo chegar
Dizendo reze com fé
Ainda pode escapar.

Mas o ato de confissão de um boêmio é bem diferente daquele ensinado pelas igrejas a seus fiéis. As bem-aventuranças são outras, mais terrenas, mais profanas, algumas blasfemas – todas adotadas por uma gente que vivencia o cotidiano em situação adversa e extraordinária:

– Eu beberrão me confesso à pipa, à bem-aventurada imaculada da Serra Grande, ao bem-aventurado vinho de caju, à bem aventurada genebra da Holanda, vinhos de frutas, apóstolos de deus Baco e a vós, oh caxixi, que estás à direita de todas as bebidas na prateleira do marinheiro. Amém!

A oração, naturalmente, é recebida no além, para onde foi direcionada:

Quando acabei de orar
Olhei para a amplidão
Ouvia dançar mazurca
Cantar, tocar violão
Era um anjo que dizia:
– Bravos de tua oração.

Aí um anjo chegou
Com uma túnica encarnada
Disse: – Sou de Serra Grande
De uma fazenda falada
Eu sou o que cerca o trono
Da gostosa imaculada.

Sr. Láu o proprietário
Do reino onde ela mora
Me mandou agradecer-lhe
A súplica que fez agora
Aí apertou-me a mão
E lá foi o anjo embora.

A aparição foi providencial e veio corroborar que o ato de confissão agradou àqueles que têm o poder de salvação. Assim sendo, nada mais justo comemorar o inesperado sucesso:

Aí eu disse: – Mulher
Visto termos nos salvado
Desmanchemos nossas trouxas
Já estava tudo arrumado
Toca a comer e beber
Foi um bacafu danado.

## Epílogo:

## Uma entrevista no céu

Encontrei Leandro Gomes de Barros entretido numa conversa entre amigos, a espiar lá do alto do céu toda a extensão da Feira de São Cristóvão, que todo santo domingo se espalha pelas costelas do pavilhão de mesmo nome, que já teve seus dias de glória, de modernas exposições e festivais de cerveja e após se transformar num entulho desagradável e atravancar o campo que deu nome ao Bairro Imperial, finalmente entrou nos eixos e se transformou num espaço cultural agradável e maneiro. É o Centro de Tradições Nordestinas Luiz Gonzaga.

A feira hoje não é mais aquela que se espalhava ao redor do pavilhão e foi crescendo desordenada até que o espaço acabou. Essa mesma feira sobrecarregada de barracas limitava-se a umas poucas ruas de vendas de produtos nordestinos, desde a esquina da Rua Escobar até o entorno do Colégio Pedro II. Depois cresceu de tal modo que foi preciso criar coragem e aproveitar o espaço abandonado do Pavilhão de São Cristóvão, para dar o merecido orgulho aos fundadores e frequentadores da feira, com um espaço digno, organizado e higiênico. Falta pouco para atingir a perfeição, mas um dia chegamos lá.

De todo modo, causou espanto ao vate paraibano saber que feira tão nordestina nasceu e se encravou no meio do cosmopolitismo carioca, mesmo sabendo que a população de nordestinos do sudeste – São Paulo e Rio de Janeiro principalmente – é hoje bem maior do que muitas capitais e cidades daquela região – coisa de causar igual espanto.

Da roda dessa conversa informal participavam muitos colegas do poeta, entre tantos, Silvino Pirauá e os irmãos Batista, além de uma dúzia de cantadores que ilustravam a palavra do mestre com versos de repente e alguns martelos agalopados. Josué Romano,

Serrador, Cabeceira, Riachão ponteavam de igual para igual, alegrando o rosto moreno de Leandro Gomes de Barros, cuja cabeleira e bigode tinham já a cor prateada das nuvens da mansão celestial.

João Martins de Athayde – que também cantara em vida seus repentes – observava o grupo um tanto acabrunhado, mas sem deixar de comparecer quando alguma rima lhe apetecia tirar uns versos. E nisso sempre se saía bem. Foi difícil arrancar o velho vate daquele encontro de menestréis, cujo número ia aumentando às centenas, mas conseguimos arrastá-lo para um cantinho, a puz de bebericar um cálice da imaculada.

Nem foi preciso ligar algum gravador: o mestre bem experiente em tudo que dizia respeito às letras recomendou que se memorizasse alguma palavra ou frase e o resto, bem, o resto que fosse de invento dos entrevistadores. Pedimos ao poeta que, de princípio, se apresentasse, a modo de autorretrato.

– Sou Leandro Gomes de Barros, escritor paraibano. No ofício de escrever, trabalho com calma e plano. Tenho fama de repentista, escritor e romancista. Folhetos escrevi mais de mil, corre fama no Brasil de ser o seu primeiro humorista.

– Quando e onde o poeta nasceu?

– Nasci no ano de 1865, no município de Vila do Pombal, Estado da Paraíba. Com muito orgulho, sim sinhô. Mas tenho no Recife, a minha segunda cidade.

– Existe alguma particularidade na sua formação de escritor e poeta?

– Desde menino sempre gostei muito de ouvir os contos da antiguidade.

– Quem lê suas poesias e romances, volta e meia encontra sinais de alguma descrença. Qual é a sua fé?

– O homem é um viandante, que nasce e morre cansado. A minha mãe me dizia que Deus é um Pai constante. Dá o pão a quem tem fome, dá ciência ao ignorante, consola o triste que chora e mostra o porto ao navegante. Essa é minha religião.

– Fale sobre suas lembranças, sobre a infância, amores e desamores, cujo eco se lê nas entrelinhas dos poemas felizes.

– Sim, um grande amor perturbou minha infância. Ela tinha talvez uns nove anos, tinha os olhos celestiais, soberanos. Éramos, ela e eu, ambos crianças. Voávamos nas asas de esperanças.

– Decerto esse amor sublimado deixou uma marca especial na sua existência. Como você considera a importância da mulher na vida do homem?

– Eu classifico a mulher como a flor da existência. Um altar de divindade, o símbolo da inocência.

– Foi um tempo feliz esse da infância, a juventude? O que você diria aos jovens de hoje?

– Devemos gozar a nossa mocidade, beber o aroma da primeira idade. E deixar para os filhos um grande exemplo mais tarde.

– Para um poeta inspiradíssimo e popular como Leandro Gomes de Barros, o que significa a vida?

– A vida é um riso de mil esperanças, uma nau que nos leva num mar de bonança.

– Mas para o poeta não é sempre essa a visão da existência.

– Alguém diz que nossa vida parece um sonho dourado. Eu classifico esta vida como um fardo muito pesado.

– Como homem você por acaso tem um código de honra?

– Eu sou de opinião que o homem deve morrer, porém não mostre fraqueza, nem dê o braço a torcer. A covardia é um osso que não se pode roer.

– Esse modo de ver a vida não é ilusório? E o orgulho do poeta?

– Meus filhos podem dizer: somos filhos de um homem pobre, mas de sentimento nobre e caráter cristalino.

– E quanto à liberdade, você se considera um ser livre?

– Nossos pais nasceram livres, nós somos livres também.

– O mundo é injusto, há igualdade entre os seres?

– Se o rico tiver direito, o pobre terá também.

– Corre do poeta a fama que adora uma *branquinha fria*, que gosta da boemia e que é doido por um rabo-de-saia.

– Sempre adotei a doutrina ditada pelo rifão, de se ver a cara do homem, mas não vê o coração. Entre a palavra e a obra, há uma grande distinção.

– Certo mistério envolve a existência: você tem crença na alma? Na eternidade? Na vida além da morte?

– O mundo é um logogrifo, ninguém pode decifrar. Creio que a alma do coxo, chegando ao céu é manca.

– Acredita na sorte, no destino e no azar?

– A sorte é como uma vaga que vem e torna a voltar.

– Apesar da boa aparência, você já precisou de um médico?

– O médico faz do doente um sítio de plantação.

– Já vi que em matéria de crença, você não reza padre-nosso.

– Eu beberrão me confesso à pipa, à bem-aventurada imaculada de Serra Grande, ao bem-aventurado vinho de caju, à bem-aventurada genebra da Holanda, vinhos de frutas, apóstolos de Deus Baco e vós – oh caxixi! – que estão à direita de todas as bebidas na prateleira. Amém.

– Foi o poeta quem disse: – Eu sou o que cerca o trono, da gostosa imaculada.

– Exatamente. Como disse também: – Nasce o filho do ferreiro, com o martelo e a safa. O filho do pescador traz a linha e a tarrafa. O filho do cachaceiro traz o copo e a garrafa.

– Essa paixão pela branquinha é inata nos poetas.

– Eu creio que foi por isso que eu fiquei gostando dela. Ela namora comigo, eu faço cera com ela. Ela estraga o meu juízo, eu a aperto na goela.

– É incrível essa veneração pela tão mal falada cachacinha!

– O que já morreu está morto e quem escapou não morre. Devemos aproveitar enquanto o alambique corre.

– Já nos tempos antigos se venerava o deus Baco.

– Porque um sábio dizia: Líquido de milho é massa, futuro de velho é queda, suco de fogo é fumaça, o caldo da uva é vinho, sangue de bêbado é cachaça.

– Essa é boa! Mudando de assunto: como bom paquerador e admirador das mulheres bonitas, você é casamenteiro devoto de Santo Antônio?

– Não há loucura maior do que o homem se casar! Quem casa num tempo desses perdeu toda a razão.

– O casamento é tão ruim assim?

– Santo Deus! Que peso horrendo! Nas costas de um desgraçado, uma mulher e a mãe, de quebra! Não há fardo mais pesado, do que seja uma mulher.

– Porém, diz o ditado, o casamento é um mal necessário.

– Sogra muda e mulher rouca, são de bem necessidade. Esses dois incômodos nelas são de grande utilidade. Quando nada, elas assim, descansam a humanidade.

– Nos tempos de hoje o poeta seria considerado machista.

– Mulher e resto de mesa, a gente não vende, dá.

– Mas as pessoas ainda preferem um casamento tradicional à loucura que vigora hoje em dia.

– Há muito tempo que eu dito: o mundo está às avessas. Tem homem que hoje vive do trabalho da mulher.

– Existe também muita confusão criada pela *opção sexual.*

– Hoje se vê uma moça, ninguém sabe se é rapaz. E note que não há moda que chegue e não nos ofenda. É tanta moda que vem, que não há quem compreenda. Muito em breve os homens fazem calça e camisa com renda.

– Então você acha que a coisa do jeito que está não tem jeito mesmo?

– Assim como as pedras correm atrás dos apedrejados, corre também o caipora atrás dos encaiporados. Os nus só querem amizade dos que estão esmolambados.

– Dizem os crentes, os *novas-seitas*, que isso vai mudar.

– Arrumou praga de mãe, baba de um blasfemador, a crueldade de Herodes, o riso do traidor, misturando com veneno, eis aí um pregador!

– Ou isso ou outra coisa. O poeta por acaso presenciou alguma guerra? É a tragédia pior que a humanidade tem.

– Guerra! Oh guerra! Abismo dos abismos. Lago triste, enorme de águas turvas. Condutora da fome e da desonra, oficina de órfãos e viúvos. Um juiz não perdoa esses teus crimes e nem lava tuas nódoas as grandes chuvas.

– O Brasil bem que já poderia ser uma potência mundial capaz de trazer a paz ao mundo. O que falta pra nossa terra ser grande?

– O atraso do Brasil é essa desunião. O estado nos oprime, o município faz guerra. Nunca se viu tanto imposto assim na face da terra. Num país como o nosso, cobra-se até de quem reza o Padre-Nosso!

– Mas eis que levantamos grandes obras e, além disso, temos inesgotáveis riquezas naturais! Isso não diz nada ao poeta?

– O nosso Brasil está hoje como quando inda era inculto. O inglês leva o cobre que há, não nos deixa ficar nem um tostão. E o brasileiro se banha, se não for no bolso também.

– Mesmo assim se sente que o povo tem muita fé no seu país, na sua terra.

– Há encantos no Brasil que não há em outro solo. Nascemos no meio das flores, somos criados no colo. O brasileiro não morre, se muda para outro polo.

– É que se dá muito valor ao dinheiro, é a ganância que impera, querer sempre mais.

– O dinheiro neste mundo, não há quem o debande. Tudo está abaixo dele, só ele ali é grande.

– Mas existe uma distância grande a separar o rico do pobre. Só falta dinheiro para os pobres, os ricos ficam mais ricos.

– É o farol que mais brilha perante a sociedade. O código dali é ele, a lei é sua vontade. A moça tendo dinheiro, sendo feia como a morte, mais de mil aventureiros a desejam como consorte.

– Mas será tão importante assim o dinheiro na nossa vida?

– Dinheiro traz eloquência a quem nunca teve estudo. Imprime coragem ao fraco, dá animação a tudo. Vence batalha sem arma, faz vez de lança e escudo.

– Em outras palavras: o destino do pobre é triste.

– Bote dinheiro no morto que a ossada dele se bole. A garantia do pobre é pontapé e cadeia.

– Essa maldade sempre ataca o Nordeste. Calamidades, secas terríveis, fome e miséria.

– O Governo Federal querendo remia o Nordeste. Seca a terra, as folhas caem, morre o gado, sai o povo. Todos ali, surdos aos gemidos, divisam o espectro da morte.

– Qual o remédio para tanta tragédia?

– A seca ataca o sertão, a crise circula na praça. Tanto que eu creio que este ano, sobe tudo na fumaça. Só ficará no Brasil o imposto e a desgraça.

– Seca, fome, miséria, trabalho escravo, assassinatos, mortandade. Qual a tragédia maior?

– Nódoa preta da história, a fome negra e crua. As crianças já não sabem o que é barriga cheia. Aqueles campos que eram por flores alcatifados, hoje parecem sepulcros pelos dias de finados.

– Dá pena se ver uma família nordestina diante da seca.

– Vê-se uma mãe cadavérica, que já não pode falar, estreitando o filho no peito, sem o poder consolar.

– Mas as campanhas de combate à seca promovidas no país arrecadam milhões em dinheiro, visando amenizar tantos males.

– O dinheiro é tão sabido que quis ficar escondido nos cofres dos potentados. Ignora-se esse meio: eu penso que ele achou feio o bolso dos flagelados.

– Então, aí vem o cangaço, a revolta. Você conheceu o célebre Antônio Silvino e fez uma entrevista com ele. Como era esse justiceiro revoltoso?

– Antônio Silvino não fez tudo o que se diz. Parece que um ente desses cumpre a ordem do destino. Eu ouço falar em crimes cometidos por Silvino, quando talvez o pai dele ainda fosse menino.

– Conta a história que ele agia como se fosse um governo ambulante pelo interior.

– Passou dezenove anos o Norte sem garantia. Só morava no sertão, o povo que ele queria. A força que fosse a ele, desintegrada saía.

– Esse é o comportamento natural dos cangaceiros, dos justiceiros independentes.

– O cangaceiro sagaz não se confia a ninguém. Não diz para onde vai, nem ao próprio pai – se tem. Exercitar-se bem nas armas, pular muito e correr bem.

– Desde sempre o sertão fez nascer, criar e viver tipos assim, revoltados com a situação social de seus irmãos e companheiros.

– Não era Silvino só o cangaceiro que havia. Então do nome dele, qualquer um prevalecia. Muitos crimes foram dados aonde Silvino nem ia.

– Pelas contas dos muitos crimes que o povo fazia, Silvino era a representação do próprio capeta.

– Ele deve ter processo em todo aquele sertão. Ele nunca se recusou, para qualquer agressão: roubo, incêndio, assassinato, era a sua profissão.

– Foi um grande feito sua entrevista com Silvino. Mas voltando aos poetas, editores (você é um editor), diz-que não respeitam a autoria original quando compra um folheto. Verdade?

– Aquilo que o mundo diz, foi, ou é, ou há de ser. Com o fim de evitar abusos constantes, resolvi estampar em todas as minhas obras o meu retrato.

– Alguns violadores dessas regras e do direito autoral tem muitos defensores.

– O autor se reserva o direito de propriedade. Os crimes são descobertos, por mais que sejam escondidos.

– Seria preciso maior rigor da fiscalização?

– Dizem que a culpa condena. É outra história que arreia, porque se assim fosse certo, não precisava cadeia.

– Você que esperava ter uma vida longeva, está satisfeito com o que Deus lhe deu?

– É sinal que vive pouco, quem já tem vivido muito. A velhice recorda, arrependida, o erro que fez em sua vida. E murmura: Quem me dera a mocidade.

– Não queria ficar velho então?

– Ao velho a sepultura já diz: – Não tarda aquele presunto.

– E a sua vida foi bem vivida ou faltou algo que gostaria de ter feito?

– Eu tive a vida tranquila, como qualquer inocente. Veio o diabo e levou tudo quanto ajuntei.

– E quando a *marvada* chegou, estava preparado? A mesa posta, como disse Manuel Bandeira?

– Preveni a todos lá de casa: se por acaso um dia eu falecer, é favor ninguém chorar perto de mim, é caipora com zoada se morrer.

Depois dessa conversa, foi impossível deter o poeta. Leandro Gomes de Barros decerto foi vagar com seus espíritos irmãos pelas feiras de Caruaru, do Braz, de Campina Grande, no Mercado São José, esses lugares tais que frequentou em vida – ou qualquer lugar desse vasto mundo, aonde meia-dúzia de cabeças-chatas se reúne trocando verso, cantando prosa, inventando repentes cheios de gracejos, gozando da vida própria e alheia.

Obrigado pela entrevista poeta princeps. Ou Príncipe dos Poetas, coroado por Carlos Drummond de Andrade para governar o reino da poesia de cordel.

Rio de Janeiro, Cachambi, maio de 2018.